

# “Piquenique Classe C”: música, alimento, história, literatura e sociedade

**Guilherme Gustavo Simões de Castro**

Universidade Federal de Santa Catarina

guilhermezorel@yahoo.com.br

## **Resumo**

“Piquenique Classe C” e “Nossa Cidade” são duas crônicas do jornalista e produtor Osvaldo Moles. Narram personagens e cenários na cidade de São Paulo entre os anos 1940 e 1950. Abordam de maneira espontânea aspectos sociais através das histórias de dois domingos, um trivial e outro diferente: a história de um convescote em Santos que fizeram os operários da Tecelagem da Virgem S/A, Rua Catumbi em São Paulo. As manifestações musicais e gastronômicas dos habitantes paulistanos aparecem nas narrativas. Numa interface entre História e Literatura quero relacionar o texto ficcional com o contexto histórico e material da expansão urbana da capital no período. Os costumes e experiências musicais e de hábitos de alimentação são de extrema relevância como dados para construção do conhecimento histórico de uma sociedade. A historiografia deve aproximar-se da música, da literatura e das mídias e buscar, em todos os tipos de linguagens, fontes e documentos, indícios de determinados contextos e experiências históricas da vida das pessoas e sua relação com o mundo.

## **Palavras-chave**

costumes paulistanos; pós-guerra; expansão urbana.

Duas crônicas sobre dois domingos distintos e imprecisos na temporalidade histórica. Repletos de costumes musicais e alimentícios. Narrativas de personagens e situações fictícias inspiradas nas experiências das pessoas comuns. Personagens habitantes da cidade de São Paulo nos últimos anos da década de 1940 e início da década de 1950. O primeiro domingo literário é a crônica narrada no programa da Rádio Record “Nossa Cidade” de setembro de 1949 e o segundo é a crônica “Piquenique Classe C”, sem data de publicação, ambos de autoria de Osvaldo Moles. O programa “Nossa Cidade” foi ao ar pela Rádio Record no ano de 1949. Narra um domingo de setembro, os lugares, os personagens, os sons, as situações da cidade dominical. Este programa foi um grande sucesso de audiência. Osvaldo Moles, com uma habilidade de transitar entre o popular e o erudito, fazia para cada programa um tema específico da cidade. A chamada do programa era São Paulo, “a babel de estrangeiros de todas as pátrias”. (CAMPOS JR, 2009, p. 201).

As situações narradas como os pregões, vendedores de rua, aos domingos, que tecem no ar uma sinfonia de guloseimas: (coro) Olha a cocada! Ó doce de batata doce! Ó doce de batata doce! Olha a cocada! Ou então, as mulheres das periferias que no domingo a tarde, faziam sabão e bananada, cada coisa em um tacho. E Dona Camila, da pensão, que avisa que aos domingos não tem lanche, pois o almoço foi ajantarado. E que nos cinemas, no final da tarde, as filas eram enormes para assistir aqueles enlatados de Hollywood. Ou ainda as casas de instrumentos musicais na Rua Direita que mantinham, aos domingos, as luzes das vitrines acesas e que alimentavam os sonhos musicais das pessoas que não podiam comprar aqueles instrumentos.

A crônica “Piquenique Classe C” foi publicada junto a uma coletânea de crônicas do autor que tratam de flagrantes vividos na cidade de São Paulo entre as décadas de 1940 e 1950. A edição da coletânea leva o mesmo nome da crônica citada e foi produzida pela Editora Boa Leitura S/A, sem data. A crônica mencionada aborda personagens e aspectos dos costu-

mes alimentícios e musicais. Trata de uma narrativa da história de uma viagem para um convescote em Santos que fizeram os operários da “Telcelagem da Virgem S/A”, localizada pelo narrador na Rua Catumbi em São Paulo. Operários de todos os sotaques que levam marmitas, frangos assados, garrações de vinho nacional, “piquenicando” e cantando “O Sole Mio” e também baião. Osvaldo Moles conduz a narrativa com maestria, registrando de maneira caricaturada os costumes comuns dos operários de diferentes origens. Utilizados como mão-de-obra barata pelo capital e pelo progresso. Gente que foi para São Paulo para trabalhar e construiu também a cidade do trabalho. Os passeios que algumas fábricas e indústrias da capital promoviam para o litoral no final de semana. Praia Grande era um dos locais. E os piqueniques e as cantorias improvisadas com violas e violões em meio aos goles de vinho de garração. Para aquelas pessoas a viagem, a ressaca, as recordações vão marcar por muitas semanas (...) “aquela fabulosa fuga da realidade”. (MOLES, s/d, p. 27).

Estas histórias poderiam ser utilizadas como fontes de pesquisa pelo historiador? Que tipo de informações elas nos comunicam enquanto fontes? Poderiam ser cruzadas com análises de intensões historiográficas e literárias ao mesmo tempo? Ao menos é este movimento intelectual que proponho neste artigo. Osvaldo Moles foi produtor de programas nas rádios paulistanas, principalmente na Rádio Record e na Rádio Bandeirantes. Famoso por realizar, ao lado de Adoniran Barbosa, e outros tantos rádio atores como Mariamélia, Celina Amaral, Leonor de Abreu, José Rubens, Vicente Leporato, Osvaldo de Barros, entre outros para quem escrevia vários personagens. Entre 1941 até 1951, produziu os programas “Casa da Sogra”, “Escola Risonha e Franca”, “PRGessy”, “O Crime Não Compensa”, “Nossa Cidade”, “Universidade Record”. Posteriormente, Osvaldo Moles vai trabalhar na Rádio Bandeirantes e após seu retorno para a Rádio Record, para a partir de 1955, escreve e produz o clássico “História das Malocas”, entre outros. (MORAES, 2000, p. 82). A primeira localização da Rádio Record foi na Praça da República. O segundo prédio da PRB-9, Rádio Record, estava localizado na esquina da Rua Quintino Bocaiúva com a

Praça da Sé. Isto ocorreu entre 1941 e 1951. Personagens como o negro Zé Conversa e sua parceira Catarina, dupla que Moles escrevia para Adoniran e a rádio atriz paulistana Mariamélia. O Zé Conversa que representava a figura do “malandro paulistano”, se é que podemos dizer assim, que não era muito chegado à labuta diária. O Barbosinha mal-educado da Silva, na “Escola Risonha e Franca”, interpretado por Adoniran, ao lado Durvalino Botani que fazia o João Bobo e o docente interpretado por José Pinaguel. Segundo o historiador e jornalista Celso Campos Jr, o professor tinha um papel interessante e era

(...) caracterizado como um velho de barbas brancas, representava o velho conselheiro, amigo dos alunos, que preferia dialogar a usar a palmatória na hora da reprimenda – algo nem tão comum no Brasil da década de 1940, em que muitos professores faziam da sala de aula sua ditadura particular. (CAMPOS JR, 2009, p. 130).

O rádio, entre as décadas de 1940 e 1950, foi um dos meios de transmissão de informações mais importantes em atuação na cidade de São Paulo e no mundo. Segundo José Geraldo Vinci de Moraes entre os anos de 1923 até 1934, dez rádios foram fundadas na cidade de São Paulo. Entre 1934 e 1935 as rádios paulistanas Cruzeiro do Sul, Record e Kosmos tinham programas típicos e específicos voltadas para as diversas comunidades estrangeiras. (MORAES, 2000, p. 76). Ainda esta questão dos imigrantes é mais complexa como aponta Adriano Duarte. Havia diferenças entre os italianos como os napolitanos da Mooca, os calabreses do Bexiga e os bareses do Brás. (DUARTE, 2013, s/p.).

Já durante os anos 30 o rádio se consolidou como meio de transmissão com enorme potencialidade para os fins comerciais. Seus usos para diversas finalidades como fins militares e também como instrumento de propaganda política. Alguns depoimentos e documentos sobre a história do rádio apontam que as rádios paulistanas tiveram uma atuação preponderante como instrumento de guerra dos paulistas contra as tropas de Getúlio Vargas em 1932. Durante a década de 1930 e 1940, além do



uso do rádio para propaganda de Estado passa a ser disseminado seu uso como instrumento de publicidade. Muitas empresas, principalmente as grandes corporações como Gessy, Colgate-Palmolive, Bayer, entre outras, passaram a utilizar o rádio como instrumento de publicidade para invadir as ruas, os lares, as repartições e da vida íntima das pessoas.

A publicidade realizada por empresas, entre as nacionais e as multinacionais patrocinaram os diversos programas jornalísticos como o Repórter Esso. Na Rádio Record, que é um dos focos deste trabalho, a publicidade se fazia presente nos programas de humor como o Conhaque Montezano que patrocinava o “Nossa Cidade” de Osvaldo Moles, ou no carnaval de 1949 com anúncios intermitentes de Cafiaspirina da Bayer. E isto é uma coisa interessante. Em 1945 a Record fez a cobertura da participação dos soldados e oficiais brasileiros na Itália e do retorno das tropas à São Paulo, sendo recebidas no Estádio do Pacaembu em meio com festividades, reportagens durante a programação da rádio paulistana. Quatro anos mais tarde, e somente quatro anos mais tarde, uma indústria química alemã patrocinava o carnaval paulistano.

Entre as décadas de 40 e 50 a Rádio Record fazia parte do cotidiano dos habitantes de São Paulo. Osvaldo Moles trabalhava para esta rádio neste período e produziu o programa já citado “Nossa Cidade”. O programa tem 23 minutos de duração e tinha o patrocínio de dois tipos de produtos diferentes: Vermute e Conhaque, ambos Montezano. Com a produção musical do maestro Hervé Cordovil, que trabalhou na rádio paulistana de 1945 até sua aposentadoria no ano de 1971. A narração do programa foi realizada por Raul Duarte. Atores participantes foram: Mariamélia, Celina Amaral, Leonor de Abreu, José Rubens, Adoniran Barbosa, Vicente Leporato, Osvaldo de Barros e Mario Sena. Através da gravação disponível no Museu da Imagem e do Som de São Paulo, percebe-se que há um auditório repleto de espectadores acompanhando e interagindo com risadas e outras manifestações.



O roteiro do programa redigido por Osvaldo Moles retrata um domingo de setembro na cidade de São Paulo. Tem início com a narrativa musical que dá ambientação ao ouvinte. No rádio as cores do cenário são sugeridas pelas tonalidades musicais que as músicas incidentais faziam com intensidade. A crônica se passa em vários lugares da cidade com diversos personagens. Os moradores do Brás, os vendedores de rua, as crianças nas ruas e quintais aprontando travessuras, os transeuntes e os passarinhos no Parque da Luz, as corridas e apostas no Jóquei, com um cavalo antropomorfizado que reclama trabalhar aos domingos na Cidade Jardim, o subúrbio, o cortiço, a favela, as opções de lazer, o Palácio do Ipiranga e o cinema no final da tarde. A história roda a cidade ao domingo retratando de maneira cômica e satírica o cotidiano, as peculiaridades de diferentes classes sociais e invenções tecnológicas. Antropomórficos são os personagens do cavalo e do ventilador. O cavalo que sacaneia os apostadores por estes fazê-lo labutar no dia do descanso semanal. E o ventilador que domou a brisa de domingo. Aquele tornado doméstico.

O autor tem um estilo marcante que é possível de ser observado tanto no roteiro deste programa como também nas crônicas de “Piquenique Classe C”. Este estilo apresenta uma mescla de erudito ou culto, com fatos da história mundial, com a linguagem popular, os sotaques que representam a diversidade cultural dos habitantes pobres e ricos da cidade. Segundo dados disponíveis no site da Prefeitura Municipal de São Paulo, na década de 1950 a cidade de São Paulo contava com 2.151.313 habitantes segundo o censo de 1950. Já na década de 1960, conforme o recenseamento deste ano, a cidade contava com 3.667.889 habitantes, ou seja, um crescimento de mais de 50% da população em dez anos. Tanto é que o chavão do programa era: “São Paulo, Nossa Cidade, Terra de todos, pátria de todos”. Na crônica do convescote em Santos, também se passa num domingo. Um domingo especial de passeio e comilança. Ambas crônicas do mesmo autor. As duas se passam no dia de descanso, de passeio, dos momentos lúdicos, de contato, de cantoria, de comer e beber.



Para tentar entender de maneira mais profunda estes costumes musicais, vou citar um trecho de uma crônica bem curta chamada “Conflito na Barra Funda”, escrita por Osvaldo Moles e publicada em “Piquenique Classe C”. O interesse é pela expressão “samba de porão”, contida nesta crônica. As referências aos “sambas de porão” são raras e se resumem na sequência de ações, enredos e contextos, imagens mentais fictícias na crônica “Conflito na Barra Funda”. As noitadas de samba os espaços sociais onde ocorriam as experiências dos personagens.

Anacleto vinha pela Glete, na última calda da madrugada. Ora, esperança de cafuzo, que ainda não arranhou entrada em baile por debaixo do pano, é conseguir um final de samba na noite envelhecida. De repente, ouviu, na distância, uns tamborins tutucando. Foi se chegando à casa de onde vinha aquele jorro de ritmo. E achou o que queria: samba de porão. Ficou lá de fora, espiando pela janelinha baixa, por entre as grades, assim como quem tem só curiosidade. (MOLES, s/d, p. 153).

Esta imagem do samba de porão narrada neste excerto da crônica “Conflito na Barra Funda” fez referência com os porões e cômodos no centro velho da cidade que era uma opção de moradia já na época dos libertos nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, conforme expõe Raquel Rolnik. (ROLNIK, 1997, p. 67). Principalmente na região do Centro Velho nos arredores da Rua Quinze de Novembro. Ali localizavam os territórios negros ligados a igreja da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, as habitações e o chafariz. Tudo foi desapropriado e demolido durante a execução do Plano de Melhoramentos da Capital, entre 1899 e 1911, durante a prefeitura de Antônio Prado.

O plano consistia na destruição dos locais de sociabilidade das pessoas que representavam a degenerescência, os desregrados, que estão excluídos dos códigos de posturas normativas europeus ligados ao pudor e outras qualidades. Daqueles ex-escravos, não domesticados para o trabalho assalariado como os imigrantes europeus, cujos os encontros e desen-

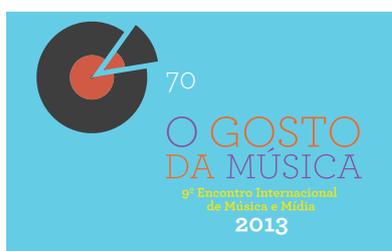
contros entre “machos e lascivas fêmeas” ocorriam nos tanques públicos, quintais, porões e quitandas. Portanto, a expulsão das camadas sociais não alinhadas com os costumes normativos e posturas europeias que as elites locais desejavam impor aos seus. Assim como, é claro a valorização imobiliária do centro da cidade de São Paulo. Porém, os cortiços e porões iriam se proliferar em muitos lugares do centro e conforme a cidade foi se expandindo este tipo de moradia continuava a ser uma alternativa para os recém chegados que pousavam vindos de lugares diversos.

Ainda segundo Raquel Rolnik, a moradia dos negros libertos em porões e cômodos na Sé, pequenas aldeias nas periferias da Penha e na Freguesia de Nossa Senhora do Ó. Os espaços de sociabilidade ocorreram em meio as urdiduras da vida da cidade, nos encontros no mercado, quitandas, cangalhas, bicas de água, chafarizes, cantos, capoeira. Os pátios e quintais dos cortiços e habitações coletivas ocupadas pelos libertos eram espaços de convivência, onde se cozinhava, lavava, ficavam os filhos, conversavam. Dentro dos pequenos quartinhos e porões ficavam somente a tralha de dormir. A vida acontecia no espaço coletivo do quintal. (ROLNIK, 1997, p. 67). As crianças e os cantos, as conversas, berros, ruídos. O samba de porão de Osvaldo Moles teria alguma relação com a descrição destes espaços feitas pela Raquel Rolnik?

Estes lugares tinham seus próprios ritmos, mais ligados ao ritmo do trabalho, da vadiagem, do lascividade, das urdiduras da realidade material. O samba ou os tipos variados de samba que existiam. A geração de músicos da década de 20, como Sinhô, Pixinguinha e Donga, ou seja, no período anterior ao processo de construção da imagem do samba como símbolo nacional, já apresentava um repertório variado passando por uma fusão de influências dos lundus, modinhas, maxixes, choros, jazz, polcas e outros estilos internacionais. “Foi só nos anos 30 que o samba carioca começou a colonizar o carnaval brasileiro, transformando-se em símbolo de nacionalidade. Os outros gêneros produzidos no Brasil passaram a ser considerados regionais”. (VIANNA, 1995, p. 111).

Conforme aponta José Geraldo Vinci de Moraes, a polifonia paulistana consolida-se por volta dos anos 1930. As influências e repertórios passavam pela música italiana, espanhola, tango argentino, polcas, chorinho, marchinhas carnavalescas, sambas, serenatas, música de circo, música caipira e música sertaneja. A música acontecia em locais como nas ruas, cafés, teatros, clubes, festas diversas, residências particulares, salas de entrada de cinema, fonógrafos, discos e emissoras de Rádio. A radiofonia paulistana tem uma tradição de diversidade sonora. O mito da cidade do trabalho e do progresso que não para nunca, surgiu nos anos 1930. (MORAES, 2000, p. 22). O Tema de São Paulo: Amanhecendo, com seu incansável refrão “vamos embora, vamos embora, que está na hora, vamos embora, vamos embora” cantado sem o som do “s”, ficando sonoramente “vambora”. Esta canção virou um clássico e até hoje é entoada nas manhãs pela rádio.

São Paulo nos anos 50 tinha uma situação híbrida em relação aos costumes urbanos: a música caipira, os sambas, as músicas que vieram com os imigrantes europeus, com migrantes nordestinos e mineiros, e de outro lado, a modernidade representada pela indústria cultural, pelas rádios, pelos autos e arranha-céus. Havia também os salões de raça, onde frequentam os negros batuqueiros. Nestes bailes tocavam os sambas, lundus e outros ritmos de percussão fora de época de carnaval. Aliás, o samba paulistano tem uma característica na batida que o diferencia dos sambas cariocas e dos sambas baianos. Do samba italiano, da seresta, do samba de porão. Na cidade que cresce sem parar, a música de rua, dos violeiros, de domicílio, de vizinhos seresteiros fica cada vez mais inviável. E era destes encontros entre comunidades, sambas de porão, que novos músicos despontavam. Contraditoriamente os chorões também tendiam a crescer numa cidade que dificultava cada vez mais os encontros informais de vizinhança e comunidade, onde os novos e velhos músicos podiam tocar e trocar experiências.



De volta à crônica, dentro do bonde para a Estação da Luz, as cantorias dos operários da “Tecelagem da Virgem S/A” no domingo de passeio para a Praia do Gonzaga em Santos tinham diversos sotaques. No texto desta crônica podemos observar as referências aos bondes e aos trens. Primeiramente aos bondes que faziam o trajeto da rua Catumbi, no bairro do Belém até a Estação da Luz, onde havia o terminal ferroviário. Existe um mapa da Projeção hiperboloid com rede quilométrica da cidade de São Paulo, datado de 1952 que possui as linhas de bonde e de ônibus, disponível no site da Prefeitura de São Paulo. Segundo este mapa, os bondes que passavam pela rua Catumbi, até o Largo Catumbi, eram os bondes 13 e 16. Porém, parece que o bonde 13 é que fazia o itinerário até a Estação da Luz. No momento da ida para Santos, o bonde é citado assim:

O Barsotti vai levando a charanga, cheia de violões que se chama “Grupo Folclórico Anita Garibaldi”. Já no bonde para a Estação da Luz, o ritmo de samba tem mistérios italianos: - “Escuita... Vamos fazê um contralto...” Por fim, aquela ânsia de pegar o trem. Vai partir? Não vai? Quando parte? É já? Há uma longa espera e, depois, o trem desamarra, enquanto os engraçadinhos “ajudam” empurrando o banco com o traseiro. - Dêxo a Marieta ficá perto da janela, pra vê a paijaje!... O trem que vai pra Santos está repleto de olhos saltando das órbitas, em atitude de assombro ante a Serra do Mar. (MOLES, s/d, p. 23).

Além do fato de aparecer na narrativa os bondes, provavelmente essa linha que fazia o percurso do Catumbi para a Estação da Luz, podemos perceber o trem. Naquele período os trens e os ônibus eram as opções para a viagem até a cidade de Santos, no litoral paulista. Na própria narrativa são citadas as duas opções inclusive fazendo referências aos preços das respectivas passagens.

Piquenique... E a palavra gostosa se enrolou na língua de todos. Uns diziam piquinico. E, em meio, estava o Nicolino organizando, inscrevendo gente: - Quem quisé í no trem, paga só 80. De ônibo é 100. Começaram a fumar as discussões. Chovem os palpites.



Trem é melhor... ônibus é “mais gozado”... Os contramestres não iam lá se misturar. Iam mesmo de “limãozinha”. (MOLES, s/d, p. 20).

Sem dúvida que o sistema de transportes urbanos na cidade de São Paulo formado pelas frotas de bondes e ônibus era de fundamental importância para o funcionamento da cidade e que este sistema de transportes detinha inúmeros problemas e geram grandes frustrações a população, em suma para os mais pobres que residiam em lugares periféricos cada vez mais distantes do centro da cidade. A antiga vila de costumes caipiras até o último quartel do século XIX se transforma na década de 1940 numa urbe que segue uma lógica do crescimento periférico num movimento caótico e de forma de espiral. Contudo, não devemos deixar de relevar o sistema de trens da cidade na década de 1950. Em função do período de exploração do café, a malha ferroviária paulista recebeu muitos investimentos ainda no final do século XIX. Isso possibilitou a construção de centenas de quilômetros de ferrovias que ligavam várias cidades próximas de São Paulo como Jundiaí, Mogi das Cruzes, Paranapiacaba, Santos, etc. Todas as linhas convergiam para a Estação da Luz.

O problema dos transportes era uma das questões mais latentes da cidade no contexto do após-guerra. Adriano Luiz Duarte destaca e analisa fatos relevantes como o dia de São Bartolomeu, em 1º de agosto de 1947, exatamente um mês após a criação da Companhia Municipal de Transportes Coletivos – CMTC, quando a população enfurecida com os aumentos nos preços das tarifas, as péssimas condições de conservação dos ônibus que serviam as linhas mais utilizadas pela população mais necessitada, a escassez do número de ônibus disponíveis, o tempo desgastante que levavam os bondes e os ônibus para passar no ponto (algumas vezes os usuários chegavam a esperar duas a três horas para passar um ônibus ou bonde) e a sua invariável super lotação, consagrou de maneira caótica a insatisfação popular através de motins em vários pontos e terminais de ônibus, com vários ônibus incendiados. (DUARTE, 2002, s/p.).

O objetivo desta pesquisa não é estudar esta revolta popular, mas procurar contextualizar os problemas que afligem a cidade entre os anos do pós-guerra que estavam ligados aos momentos de trabalho e direito ao lazer. Como o problema dos transportes urbanos ressaltava diante da realidade de crescimento periférico e mobilidade urbana casa-trabalho e trabalho-casa, e, também a exclusão de muitos do direito à cidade, procurei concentrar minha análise, neste momento, a uma crônica que trata diretamente do tema relacionado aos transportes. No texto “Bonde quando morre vira anjo?”, também uma crônica publicada no livro “Piquenique Classe C”, de Osvaldo Moles, podemos observar que o autor descreve um bonde antropomorfizado, que cria vida na condição de personagem. Ele pensa na sua condição metafísica. Em termos epistemológicos, a personagem legitima a estrutura imaginária da ficção, conforme sugere o crítico Anatol Rosenfeld. A linguagem pode transformar a descrição de uma experiência e gerar sucessivas transformações interpretativas. O pensador alerta que nas narrativas tudo aparece antropomorfizado, pois o homem é o único ente que não se situa somente no tempo, mas que é essencialmente o tempo. (ROSENFELD, 2005, p. 28).

E - ai de mim - estava esperando o bonde. O bonde das Perdizes é um exagêro metafísico. Artístico bonde, rigorosamente abstracionista. Mas eu sou daqueles que acreditam. Tenho fé no bonde das Perdizes. Muitos dizem que não existe. Mas minha crença é inabalável. Já, de madrugada, conversei com esse bonde. Que diálogos travamos! Ele sustentava que, um dia os bondes se revoltariam e deixariam de ser robôs caminhando pelo triste destino das paralelas que nunca se encontram. E dizia, coitado, que pretendia suicidar-se assim que encontrasse uma chave de parafusos. (MOLES, s/d, p. 126).

Osvaldo Moles dá à este personagem itinerante uma vida. Um bonde que possui vida. Mas, que já está à beira da morte. Uma vida ultrapassada, opiniões mais pessimistas, deprimido com sua condição de escravo robótico dos trilhos que o fazem repetir sua vida toda o mesmo caminho. Um dos papéis do personagem é trazer à evidência de pensamento tudo

o que está embaralhado pela percepção do cotidiano. Ainda conforme Anatol Rosenfeld, uma das funções da literatura se dá pela sua possibilidade de afastar a estesia humana do mundo real e considerá-la no mundo do simbólico, o que ajuda o humano a entender sua própria realidade. (ROSENFELD, 2005, p. 49). A substituição lenta e intermitente da frota de ônibus e o respectivo e constante abandono da frota de bondes não aconteceram de maneira tão simples e rápida. Assim como também não foi norteadas pelas necessidades logísticas por demanda de transporte urbano público. Este crescimento esteve atrelado a um conjunto de processos de loteamento dos bairros e interesses de exploração de linhas de transporte público seja pela *Light and Power Company Limited*, seja pela CMTC, e, a especulação imobiliária controlada por máfias e cartéis políticos.

As classes populares, que dependiam das linhas de transporte público para trabalhar diariamente sempre reclamavam das péssimas condições dos ônibus, dos trens e dos preços das tarifas. Ainda segundo Adriano Luiz Duarte, em 1947, do total de usuários do transporte público aproximadamente 35% eram transportados em ônibus e os 65% restantes viajavam em bondes e lotações. (DUARTE, 2002, p. 54). Na época, a CMTC informava que a frota de transporte público oficial era formada por 600 ônibus e 550 bondes. Estes dados foram expostos no momento em que se contabilizavam os estragos feitos pela revolta popular da sexta-feira, 1º de agosto de 1947. Segundo assessoria da empresa, que foi bem distinta dos dados que apareceram nos jornais Folha da Manhã e Correio Paulistano, foram danificados 78 ônibus e 242 bondes e totalmente queimados 16 ônibus e 5 bondes. Os veículos públicos e oficiais de transportes da cidade transformaram-se em símbolos e expressão das insatisfações da população que habitava as áreas periféricas de São Paulo em relação às suas condições de vida. Portanto, os acontecimentos do 1º de agosto de 1947 foram manifestações políticas, mas não partidárias. Foi ato político pelo “direito à cidade”.



Faço um comício no ponto. O bonde vem, meus senhores! Povo de São Paulo, juro pela honestidade do prefeito que o bonde virá! Vem, mas custa. Vai ver que anda por aí parado, discutindo com algum ônibus independente sôbre o destino sempre fixo dos bondes. Mas, o Perdizes é boêmio. Se lhe pagarem um copo de “tapa de onça” êle cede sorrindo numa discussão. O Perdizes é cordato. Não é intransigente, como os bondes udenistas da Avenida Angélica. É cordato, mas não vem, e o que é que adianta ser cordato um bonde que não concorda em aparecer? Se não teve por aí, por uma dessas ladeiras, um enfarte do miocárdio, há de vir. É que o Perdizes é bonde antigo. Está sofrendo de arteriosclerose e pára em tudo que é boteco para tomar pinga com iodo. Muitos reclamam. Mas eu, que sou amigo do Perdizes, trato de apaziguar os ânimos. Olhem eu garanto. Eu garanto que êle vem mesmo. Juro pela minha saúde que... Aí aparece uma senhora cheia de cestas. Cestas a tiracolo, cestas nas mãos, cestas e cestas de gordura encintada. E naquela voz de tisía importante informa: - Tá fartando fôlça pelétrica pôs ládios da Barra Funda. Os bonde tá tudo estacionário na vinida San João. É senhores... Esperar o bonde das Perdizes é a maneira mais estranha de se tomar um táxi. (MOLES, s/d, p. 126 e 127).

Os costumes são um conjunto de hábitos definidos por um grupo social através da experiência e memória que gera sentido material para estes costumes. Podemos observar os costumes boêmios do bonde das Perdizes antropomorfizado. E quando pensamos em boemia, pensamos em costumes alimentícios, uso de bebidas, fumos e outras substâncias alteradoras de consciência. Boemia nos remete a música com voz etílica. A serenata feita pelos cantores da madrugada ao som da cachaça. A cachaça que se mistura ao gosto da nicotina. E estas substâncias, somadas a carne e a respiração, alimentavam os pagodes, os sambas de porão. Em outras crônicas do autor a problemática dos transportes também se faz presente. Muitas vezes é o bonde que aparece nos textos. O bonde das Perdizes, no ponto de bonde da Rua Cardoso de Almeida, que sempre demora a passar nas narrativas.

Que é que um marinheiro jurado vai ficar fazendo aqui nas filas do Paissandú, comendo salsicha com batata nos chamados “Morre em



Pé” da Avenida São João? Se sou marinheiro jurado, vou para Castro Alves de onde vejo a mais bela enseada do mundo e onde a moça traz água de côco que eu não bebo. Mas também tem uma cachaça que, quem bebe devagar, começa a ouvir o canto de Janaína. É um canto tão doce, meu irmão, que as cocadas dos tabuleiros fogem de vergonha. Sou marinheiro jurado e até logo para quem fica. Vou perguntar a minha madrinha das águas porque é que eu, com diploma de marujo, hei de continuar tanto tempo na esquina, plantado como um pé de abacaxi, esperando o bonde das Perdizes. Já viu marinheiro ancorado em ponto de bonde? E já fui informado de que na rua Cardoso de Almeida não passa navio. (MOLES, s/d, p. 324 e 325).

Uma das peculiaridades do texto de Osvaldo Moles é não ser datado de maneira formal. Porém, existem alguns indícios que podem nos levar a entender a época que a narrativa trata: a comparação entre a viagem São Paulo a Santos de trem e de ônibus, inclusive com referência ao preço das passagens; a menção do personagem Paco, o espanhol anarco-sindicalista, ter vindo da guerra civil espanhola; o Nicolino, o Ciccillo que representavam os imigrantes italianos que possuíam alguma hegemonia entre as comunidades de operários pela sua experiência em vários ramos das indústrias em São Paulo; o japonês Tsumamoto, sobre as imigrações dos orientais dos quais, na década de 1950, muitos eram destinados para trabalho rural nas áreas do cinturão verde da cidade, e, a alusão da chegada dos nordestinos através do personagem “baiano”.

O êxodo rural, os movimentos migratórios e a desigualdade social apenas recrudesceram no país e na capital paulista. Marcada pela alternância de políticos populistas e sua rede de funcionamento junto com as comunidades de bairro, conforme informam os historiadores Adriano Duarte e Paulo Fontes (DUARTE, 2013, s/p.). O populismo se torna a relação política preponderante no primeiro período democrático brasileiro, especificamente na década de 1950. A partir da Constituição de 1946, a mulher vota. Foi a época do populismo brasileiro e paulistano. Adhemar de Barros, eleito governador em 1947 e sua esposa Leonor de Barros, que fazia um trabalho político fundamental nos bairros periféricos. Foram



figuras que marcaram a política populista em São Paulo. Adhemar de Barros tinha um programa de rádio chamado “Palestra ao Pé de Fogo”, que utilizava linguagem simples e direta. Adhemar de Barros assumiu a prefeitura de São Paulo no ano de 1957.

Assim como Jânio Quadros, eleito vereador em 1947, era apoiado pelo Jornal A Hora. Crítico de Adhemar de Barros e da *Light and Power Company Limited*. Tinha uma imagem de político diferente, interessado nas vidas e nos problemas das pessoas pobres. Fazia denúncias das condições precárias de trabalho nas indústrias paulistanas como Nitro Química, Celosul, Cimentos Perus e a Cia. Melhoramentos. No início da década de 1950, como deputado, Jânio defendeu a greve dos ferroviários e dos bancários. Foi eleito prefeito da capital em 1953.

Segundo Antonio Luigi Negro os migrantes nordestinos tiveram inclusive uma participação nas greves deste período. Esta participação fica aparente, segundo o autor, nos registros de polícia do período. Os descendentes de imigrantes se consideravam superiores em relação aos nordestinos. Neste período qualquer pessoa com aspecto nordestino ou com pele mais escura era chamado de “baiano”. A “baianada” era considerada atrasada pelos seus costumes, hábitos, sotaques pelo preconceito que sofriam por virem em sua maioria de áreas rurais paupérrimas dos sertões das regiões Nordeste e Norte do Brasil, pelos seus costumes musicais e alimentícios. Entretanto podemos afirmar com tranquilidade que a “baianada” construiu a cidade de São Paulo. Tanto trabalhando no setor das recém instaladas indústrias automobilísticas como na construção civil e no comércio informal. O autor faz referência aos movimentos da greve dos 400 mil em 17 de outubro de 1957.

À tarde, um segundo piquete parte da Vila Prudente. O investigador no seu enalço presumiu que era integrado por nortistas, talvez por causa do grande alarido com que fechavam as usinas  $\frac{3}{4}$  que o policial ouviu e notou. Nas ruas e nos ajuntamentos a liberdade, conquistada mediante conflito, e com peculiares interjeições. (NEGRO, 2013, s/p)



Os imigrantes e seus descendentes estavam numa situação de domínio do movimento sindical na década de 1950 na cidade. Sua hegemonia política vinha já de outros tempos em setores como têxtil, químico, moveleiro, metalúrgico e gráfico. Os nordestinos acabaram entrando em cena por volta de 1955 com a instalação das indústrias automobilísticas que abriram centenas de empregos e contratavam trabalhadores sem experiência industrial. A mão de obra nordestina também era mais barata por isto. Num ambiente muitas vezes hostil, até com seguranças armados como no caso da Laminação Nacional de Metais - LNM, os movimentos de greve estavam quase que inviabilizados.

Uma das principais curiosidades da crônica “Piquenique Classe C” é que o processo de identificação e vínculo que o leitor cria com os personagens se dá através do humor e da simplicidade como estes são apresentados. Além disto, o autor faz questão da importância de escrever sobre as diferentes origens culturais de alguns dos personagens e como eles aparecem num formato de convivência harmônica no texto. O Paco, entre outros, são descritos de maneira breve e marcante.

A Concettina ainda não conhece o mar, aliás, como a maioria. E anda perguntando: - Escuita!... É grande mesmo? Vai como daqui no Belém? O Ciccillo bota muita experiência na fisionomia e faz um gesto largo com o indicador, rolando o braço na distância, mostrando a imensidão. E assobia. O “baiano” da limpeza entende muito de mar, que ele chama de oceano. Nasceu em Canavieiras, não sabe? E desfila palavras de um mundo desconhecido: maresia... saveiro... xaréu... Todo mundo não entende, mas pasma. (MOLES, s/d, p. 20 e 21)

A canção popular e a literatura são sem dúvida tipos de fontes ricas para a historiografia. Podemos tentar sentir e deduzir formas de sociabilidades através da análise das sonoridades e informações contidas na música, nos roteiros de programas de rádio, nas crônicas e outras formas de literatura. Estas formas de arte funcionam como fotografias ou cenários. O programa de rádio, além dos escritos do roteiro, também possuem as



músicas incidentais que tem eficácia enorme para ambientar o ouvinte. A música cria uma substância psíquica que libera sensações próprias de abertura emotiva e cativante, persuasiva e sedutora. Cria um todo um clima junto ao movimento sonoro da voz do narrador.

De volta ao programa “Nossa Cidade” continua falando sobre futebol na Casa Verde, a criançada a brincar na rua de domingo, os pregões (vendedores ambulantes de rua que anunciam com diversos sotaques toda sorte de produtos como guloseimas, peixe, verduras, jornais. A presença física e sonora dos pregões também é citada por historiadores de áreas distintas como Raquel Rolnik, história, arquitetura e urbanismo, e, José Geraldo Vinci de Moraes, história, cultura e música popular. Ambos em temas distintos mas que se cruzam em alguns pontos como este da sinfonia dos pregões. Assim como a mesma melodia dos pregões também foi comentada no depoimento Francisco Almeida Salles e do Prof. Ernani da Silva Bruno no qual tecem comentários de memórias sobre a cidade de São Paulo na década de 1940. Falam dos trajés do imigrantes, o Teatro São José, depois prédio da *Light and Power Company Limited*, o Café Adamastor, as chácaras no Brás que foram sendo divididas em ruas. As jardineiras e os bondes. Os ônibus de luxo a partir da década de 1930. O circo. A presença do circo. O palhaço Piolin, apoiado segundo os depoentes pelo pessoal de 1922. Como que o circo está ligada a cidade de São Paulo com o circo no Largo do Payssandú. São Paulo que sempre foi uma cidade de clima triste. Dos diversos cinemas. Dos refrescos Gasosa e Guaraná e a partir de 1954, a Itubaína.

Provavelmente eles também estivessem se referindo as diversas atividades promovidas entre 1935 e 1936 pelo Departamento de Cultura, criado em 1935 por Mario de Andrade. O Departamento de Cultura durou pouco tempo. Porém, foram tempos muito intensos. Foram criados o Coral Paulistano, Biblioteca Circulante (ônibus-biblioteca), Parques Infantis, o Quarteto de Cordas, a Sociedade de Etnografia e Folclore e a Discoteca Pública. Foi aberto o curso de Biblioteconomia, iniciado um acervo



iconográfico da cidade e a pesquisa sociológica. Foram inventados concurso de Móvel Proletária e o padrão da Língua Nacional Cantada. Foi concedido apoio a Expedição Etnográfica de Lévi-Strauss e realizada a Missão de Pesquisas Folclóricas. (CERQUEIRA, 2010, p. 3) Após o Golpe do Estado Novo, Mário de Andrade é afastado do Departamento de Cultura e substituído por Francisco Patti.

O domingo na capital paulista continua no programa “Nossa Cidade”, que também aponta as missas elegantes cantadas na Igreja de São Pedro, a Basílica, os bairros de portões de ferro, os preparativos para o jogo do “Parmera” contra o São Paulo, que os ingressos haviam acabado, mas o jogo no rádio, e os fogos de artifício para soltar. No domingo, o mercado só abre até o meio-dia, os açougues estão fechados, não é mais como no tempo em que nada fechava na cidade. O autor faz referência ao *slogan* de São Paulo, uma cidade feita para o trabalho e não para a diversão. “São Paulo não tem onde se ir”. E várias vezes repetem esta frase.

No domingo, continua o narrador, os lugares para se ir são o Jockey Clube, o futebol, o Parque da Luz, o cinema, o Museu do Ipiranga, o Horto Florestal, o Butantã, o passeio no centro da cidade, o pif paf, o buraco, as matinês na gafeira. O Jardim da Luz, lugar para namorar e paquerar. Os cisnes, os copos de leite, os beija-flores, os homens que passam olhando as mulheres. E ao fundo, o som da bandinha do Exército da Salvação. Um homem de cor conta aos circunstantes quem era Jesus Cristo, numa batalha contra o pecado. Na Cidade Jardim, os cavalos deveriam correr muito para satisfazer os apostadores grã-finos. Há até uma entrevista com o jockey chileno Luiz Gonzalez.

## Conclusão

Estes textos de Osvaldo Moles publicados em Piquenique Classe C, assim como o programa “Nossa Cidade”, apresentam costumes musicais e alimentícios da cidade de São Paulo nos anos 1950. Mostram impressões que o autor registrou do cotidiano deste ambiente urbano que não



para de recrudescer. Os fatos históricos apontados como o Dia de São Bartolomeu, as políticas populistas, as greves, e o crescimento periférico excluem do direito à cidade centenas de pessoas pobres. Fortalece as máfias políticas. Uma cidade que cresce demais tende a ter sua história apagada pelo próprio movimento de expansão, construção e reconstrução. Isto evidencia ainda mais a importância destes registros literários para possibilitar que a história da cidade não seja olvidada completamente no movimento do progresso.

## Fontes

- Campos Jr, Celso de. 2009. *Adoniran: uma biografia*; prefácio de Alberto Helena Jr. – 2ª ed – São Paulo: Globo.
- Cerqueira, Vera Lúcia Cardim de; Org. 2010. *Missão de Pesquisas Folclóricas: cadernetas de campo*. 1ª ed. – São Paulo: Associação Amigos do Centro Cultural São Paulo.
- Depoimento de Francisco de Almeida Salles e Ernani da Silva Bruno. Arquivo MIS-SP.
- Depoimento de Paulo Machado de Carvalho. Programa comemorativo de 44 anos da Rádio Record, Arquivo MIS-SP.
- Dados dos recenseamentos de São Paulo no século XX. [http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico\\_demografico/tabelas/pop\\_dist.php](http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas/pop_dist.php), Consulta: 08/2013.
- Mapa da cidade de São Paulo de Projeção hiperboloid de 1952. [http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico\\_demografico/tabelas/pop\\_dist.php](http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas/pop_dist.php), Consulta: 01/2013.
- MOLES, Osvaldo. “Bonde, quando morre, vira anjo?” In: \_\_\_\_\_. *Piquenique Classe C: crônicas e flagrantes de São Paulo*. São Paulo, Boa Leitura S/A, s/ data, p. 126.
- MOLES, Osvaldo. “Conflito na Barra Funda”. In: *Piquenique Classe C: crônicas e flagrantes de São Paulo*. São Paulo: Editora Boa Leitura S/A, s/d, p. 153.
- MOLES, Osvaldo. “Piquenique Classe C”. In: *Piquenique Classe C: crônicas e flagrantes de São Paulo*. São Paulo: Editora Boa Leitura S/A, s/d, p. 17 a 27.
- Programa da Rádio Record “Cortiço” com Júlio Atlas. Festejos Carnavalescos de 1950 at. Arquivo MIS-SP.
- Programa “Nossa Cidade” está disponível na midiateca do Museu da Imagem e do Som de São Paulo. Arquivo MIS-SP.

## Referências

- BONDUKI, Nabil Georges. *Origens da habitação social no Brasil*. Arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.
- DIAS, Márcia Tosta. *Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura*. São Paulo: Boitempo, 2000.
- DUARTE, Adriano Luiz. *Cultura popular e cultura política no pós-guerra: redemocratização, populismo e desenvolvimentismo no bairro da Mooca, 1942-1973*. Campinas, 2002. 273 p. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.



\_\_\_\_\_. “Cortiço: uma invenção popular ou o coletivo versus o individual”. In: \_\_\_\_\_. *Cidadania e exclusão: Brasil 1937-1945*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999, p. 59-74.

DUARTE, Adriano Luiz e FONTES, Paulo. “O populismo visto da periferia: adhemarismo e janismo nos bairros da Mooca e São Miguel Paulista, 1947-1953”. <http://lanic.utexas.edu>, Consulta: 02/2013.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 393 a 562.

\_\_\_\_\_. *História Social do Jazz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MORAES, José Geraldo Vinci de. *Metrópole em Sinfonia: história e cultura e música popular na São Paulo dos anos 30*. São

Paulo: Estação Liberdade, 2000.

NEGRO, Antonio Luigi. 2005. “Quem agüenta esses baianos? Desfazendo preconceitos sobre a história do Brasil: trabalho, migração e lutas sindicais”. *Revista Histórica*. <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br>, Consulta: 02/2013.

ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 1997.

ROSENFELD, Anatol. “Literatura e personagem”. In: CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: Ed. UFRJ, 1995.



82

O GOSTO  
DA MÚSICA

8º Encontro Internacional  
de Música e História

2013